EM DEFESA DO ENSINO NA PRIMEIRA INFÂNCIA: A FORMAÇÃO DOCENTE CONTRA A LÓGICA ASSISTENCIALISTA

Danubia Brito de Oliveira Spigotti[1], Kayllane Kristin Menezes[2], Laís Leni Oliveira Lima[3]

[1]Universidade Federal de Jataí/ danubia.spigotti@discente.ufj.edu.br
[2]Universidade Federal de Jataí / kayllane.menezes@discente.ufj.edu.br
[3]Universidade Federal de Jataí / lais_lima@ufj.edu.br

Resumo: Este trabalho se insere-se no campo de estudos da Prática como Componente Curricular e tem como tema central a formação docente e o desenvolvimento profissional na educação infantil. Objetiva entender a complexidade da atuação do educador de crianças pequenas, articulando as exigências teóricas da profissão com a realidade empírica vivenciada no “chão” da escola. Partimos da seguinte problemática: como a dicotomia entre o "cuidar" e o "educar", resulta em desvalorização do trabalho docente na educação infantil? Fundamentamos nas concepções da Psicologia Histórico Cultural e da Pedagogia Histórico-Crítica que defende o ensino de forma intencional e a escola como espaço de transmissão sistemática do conhecimento historicamente produzido, garantindo a todos o acesso ao patrimônio cultural da humanidade. A investigação revela que a atuação pedagógica na primeira infância deve superar o mero acompanhamento passivo ou espontaneísta do crescimento biológico; o professor é mediador essencial, que deve organizar de forma consciente e planejada as condições de ensino para promover o desenvolvimento das funções psicológicas superiores e garantir a apropriação do patrimônio cultural humano pelas crianças.

Palavras-chave: Docência. Formação docente. Desenvolvimento profissional.

Introdução

O presente trabalho insere-se no campo de estudos da Prática como Componente Curricular e tem como tema central a formação docente e o desenvolvimento profissional na educação infantil. O trabalho aborda a complexidade da atuação do educador de crianças pequenas, articulando as exigências teóricas da profissão com a realidade empírica vivenciada no “chão’ da escola.

A problemática da qual trata o texto reside na histórica dicotomia e tensão entre o "cuidar" e o "educar", que frequentemente resulta em uma desvalorização do trabalho docente na educação infantil. Questiona-se: como a falta de reconhecimento social do caráter pedagógico da educação infantil impacta a identidade, a prática e a saúde do professor? As concepções teóricas que fundamentam este trabalho é a Psicologia Histórico-Cultural e a Pedagogia Histórico-Crítica.

Os objetivos a serem alcançados com esta pesquisa são: a) analisar a natureza específica do trabalho pedagógico na educação infantil; b) investigar as bases teóricas necessárias para a formação do educador infantil; c) confrontar os pressupostos teóricos com

os desafios reais enfrentados pelos professores; e d) refletir sobre os impactos das condições de trabalho e da visão da sociedade sobre o desenvolvimento e a permanência desses profissionais na carreira.

Metodologia

Toda essa investigação ganhou corpo e foi viabilizada por meio da disciplina Estágio Curricular Obrigatório I - Educação Infantil, no âmbito da qual foi possível realizar duas entrevistas e obter as informações essenciais para este trabalho. Adotou-se uma metodologia teórico-empírica de abordagem qualitativa. O levantamento bibliográfico fundamentou-se nos estudos de Lima (2009) sobre as múltiplas faces do trabalho que se realiza na educação infantil, e nas pesquisas de Pasqualini (2010), que aborda sobre o papel do ensino na perspectiva de Vigotski, Leontiev e Elkonin. O eixo empírico do estudo baseou-se em duas entrevistas estruturada com a professora Elisa[1] da Educação Infantil do Maternal II "C" do CMEI Flores do Cerrado, e professora Ivone[2] do Maternal II "A", no CMEI Frutos da Terra, composta por seis questões abertas que abordaram a trajetória docente das entrevistadas, bem como os desafios e perspectivas desse trabalho.

Fundamentação teórica: o trabalho docente e o ensino na educação infantil

A compreensão do trabalho docente na Educação Infantil exige, primeiramente, o abandono de visões naturalizadas e assistencialistas. Conforme Lima (2009, p. 65), o trabalho nas instituições de educação infantil deve ser analisado a partir das condições materiais, políticas e ideológicas que o cercam. Historicamente, no cenário brasileiro, o atendimento às crianças pequenas carregou forte herança assistencial-custodial. Essa herança remonta a marcos antigos de financiamento público, como o histórico Decreto-Lei nº 4.958, de 14 de novembro de 1942, que instituiu o Fundo Nacional de Ensino Primário para a ampliação escolar do país, mas que, na época, deixava as creches e pré-escolas majoritariamente à margem do sistema propriamente educativo, atrelando-as a um viés de guarda e assistência para os filhos da classe trabalhadora. Desse modo, o ambiente de educação infantil era frequentemente confundido apenas com um espaço de acolhimento filantrópico. Essa herança assistencialista gerou uma "pedagogia da infância" pautada na ideia de que a criança é um ser frágil e que o trabalho docente se resume a facilitador, pautado no amor e no instinto maternal (Lima, 2009, p. 64-65).

[1] Nome fictício da entrevistada, com o intuito de preservar a identidade da entrevistada.
[2] Nome fictício da entrevistada, com o intuito de preservar a identidade.

Contrapondo-se a essa visão reducionista, a Psicologia Histórico-Cultural defende o ensino como elemento fundante do trabalho do professor com crianças de 0 a 6 anos (Pasqualini, 2010, p. 162). Na literatura contemporânea, há um forte ideário "antiescolar" que tenta desvincular a educação infantil do ato de ensinar, reduzindo o papel do professor ao de um mero acompanhante do desenvolvimento espontâneo da criança (Pasqualini, 2010). No entanto, Vigotski refuta essa concepção de que o desenvolvimento infantil é um processo biológico e natural. Para ele, o desenvolvimento humano é um processo histórico e cultural; a sociedade e a cultura não são apenas o ambiente, mas a verdadeira fonte do desenvolvimento psíquico (Pasqualini, 2010, p. 165).

Nesse sentido, de acordo com Pasqualini (2010), as funções psicológicas superiores (atenção voluntária, memória lógica, pensamento abstrato) não surgem por maturação orgânica, mas são construídas socialmente pela apropriação da cultura humana. Portanto, o progresso infantil se manifesta por meio das conexões criadas com indivíduos e com o saber acumulado pela sociedade. Neste percurso, orientação intencional docente e as vivências de aprendizagem são cruciais, permitindo que a criança aprimore suas habilidades intelectuais e conceba novas compreensões do seu entorno. Assim como Leontiev, citado por Pasqualini (2010), demonstra que a criança não herda as aptidões humanas geneticamente; ela precisa se apropriar delas por meio da atividade mediada pela figura do adulto educador. Fica evidente que o desenvolvimento das funções psíquicas superiores evidencia a dependência do desenvolvimento em relação aos processos educativos. Nessa perspectiva, o crescimento não é visto como algo que ocorre por si só ou unicamente pela biologia, mas sim como fruto do envolvimento ativo da criança em ambientes de aprendizado planejados e estruturados, onde a aquisição de conhecimento impulsiona o desenvolvimento do ser humano.

Ao compreender o desenvolvimento infantil como um processo socialmente mediado, a Psicologia Histórico-Cultural atribui à educação um papel ativo na formação das capacidades humanas. Portanto, o ensino na educação infantil não deve esperar que a criança amadureça para agir; o ensino deve conduzir o desenvolvimento, adiantando-se a ele e atuando na Zona de Desenvolvimento Iminente (ZDI), (Pasqualini, 2010). O trabalho educativo, de acordo com Elkonin, citado por (Pasqualini, 2010), exige uma direção consciente do professor. O educador organiza o contato da criança com a realidade por meio da "atividade principal" de cada fase. Dessa forma, o professor, não deve adotar uma postura passiva no trabalho docente, porém, precisa de conhecimentos teóricos sólidos para estruturar intenções pedagógicas.

A prática pedagógica em análise: o relato de experiência na educação infantil

Para compreender a materialidade do trabalho docente, faz-se necessário olhar para quem o executa. As práticas pedagógicas, as concepções de ensino e as formas de enfrentar os desafios da profissão são construídas a partir das experiências vividas pelos educadores ao longo de suas trajetórias pessoais e profissionais. Nesse sentido, conhecer a história da professora entrevistada, sua formação, seus percursos acadêmicos e as condições concretas em que desenvolve seu trabalho contribui para uma compreensão mais ampla da realidade docente e dos desafios enfrentados na Educação Infantil.

A trajetória profissional da professora Elisa, uma das entrevistadas desta pesquisa, é marcada por esses desafios, reinvenções e pela constante busca por formação e crescimento acadêmico. Natural de Itarumã, no estado de Goiás, ela sonhava, na juventude, em seguir a carreira da Psicologia. Contudo, os caminhos da vida a conduziram para a Educação, área na qual construiu sua identidade profissional e desenvolveu uma sólida experiência docente.

Graduada desde 2016, Elisa dedicou parte significativa de sua carreira à rede estadual de ensino, atuando com jovens e adultos na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) e também no Ensino Médio. Essa vivência permitiu-lhe compreender diferentes realidades educacionais e desenvolver um olhar sensível para as múltiplas formas de aprendizagem. Entre as etapas da educação básica, demonstra especial apreço pelo processo de alfabetização, especialmente no 1º ano do Ensino Fundamental, período que considera fundamental para a formação dos estudantes.

Em 2023, passou a integrar a equipe de um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), experiência que representa um novo capítulo em sua trajetória. Embora reconheça a importância da educação infantil, relata que sua relação com essa etapa de educação foi permeada por experiências difíceis, que a levaram a desenvolver certa resistência e até mesmo um sentimento de trauma em relação a esse campo de atuação. Ainda assim, segue exercendo seu trabalho com profissionalismo e comprometimento, buscando compreender e enfrentar os desafios inerentes à prática educativa.

Movida pelo desejo de aprimorar seus conhecimentos, iniciou há três meses o curso de Mestrado, conciliando as exigências acadêmicas com as responsabilidades profissionais. Sua dedicação à formação continuada revela um compromisso genuíno com a educação e com o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais qualificadas. No entanto, destaca as dificuldades enfrentadas nesse percurso, especialmente pela ausência de apoio institucional do município

para o aperfeiçoamento profissional. Para participar das atividades do mestrado, realizadas às sextas-feiras, precisa custear uma profissional substituta, assumindo pessoalmente os encargos financeiros decorrentes de sua qualificação. Paralelamente, Elisa também participa de projetos de iniciação científica vinculados ao Instituto Federal (IF), com foco no letramento matemático, demonstrando interesse pela pesquisa e pela construção de novos conhecimentos que contribuam para a melhoria da aprendizagem.

Ao refletir sobre os desafios contemporâneos da docência, a professora reafirma que a valorização profissional ainda é uma questão urgente na educação. Em seu entendimento, as cobranças excessivas, a intensificação das responsabilidades e a insuficiência de reconhecimento ao trabalho docente afetam diretamente a qualidade de vida dos educadores. Segundo ela, tais condições contribuem significativamente para a sobrecarga física e emocional, favorecendo o esgotamento profissional entre os trabalhadores da educação, realidade cada vez mais presente no cotidiano das escolas. Sua história revela uma educadora perseverante, que, apesar dos obstáculos encontrados ao longo da carreira, mantém vivo o compromisso com a formação humana e acadêmica. Entre sonhos que se transformaram, desafios enfrentados e novos horizontes que se abrem, Elisa constrói diariamente uma trajetória marcada pela dedicação à educação e pela busca constante de crescimento pessoal e profissional.

A análise das respostas da docente à entrevista estruturada evidencia, de forma ainda mais clara, a distância entre as exigências teóricas de uma prática pedagógica intencional e as condições concretas do exercício da profissão. Ao ser questionada sobre a sua chegada à atuação na educação infantil, a docente relatou que o ingresso inicial nessa etapa se deu via concurso público em 2020, tendo que assumir a vaga para não perder a oportunidade no serviço público. Esse dado corrobora com reflexões de que a profissão, muitas vezes, não é vista inicialmente como um projeto vocacional fundamentado em aprofundamento teórico prévio, mas uma via de emprego formal que demanda posterior construção de identidade profissional.

Sobre os principais desafios da prática, a entrevistada expôs angústias que ecoam as reflexões teóricas abordadas. A professora destacou a visão deturpada da sociedade, que enxerga a instituição como uma "rede de apoio para as famílias" e o professor como um mero cuidador ou "babá". Essa percepção nega o caráter de trabalhador intelectual ao educador. Outros desafios estruturais mencionados incluem o aumento do número de alunos, o crescimento da demanda de educação especial sem os devidos recursos, a invasão do tempo pessoal pelo uso de comunicações via celular com os pais fora do horário de trabalho.

Em relação à preparação diária, a professora enfatiza a revisão de planejamentos e a constante busca por formação. O dado relevante, porém, é a necessidade de uma intensa "preparação emocional e mental" devido ao aumento de desafios comportamentais e disciplinares infantis. Diante desse cenário de desgaste, a resposta sobre sua permanência revela a fragilidade na retenção desses profissionais; a professora afirmou que, diante das condições atuais, repensaria sua permanência na educação infantil. Os motivos apontados como as cobranças indevidas, a lidar com comportamentos complexos e a falta de condições adequadas de trabalho demonstram a sobrecarga imposta à categoria.

Ao classificar o que é primordial para a atuação na área, apontou a extrema importância dos estágios práticos durante a formação para compreender as especificidades da infância, aliados a características como sensibilidade, paciência e disposição. Por fim, ao responder se o professor necessita de conhecimentos específicos, a resposta foi categórica, citando a urgência de dominar o desenvolvimento infantil, os processos de aprendizagem e o planejamento. A professora conclui a entrevista sintetizando o problema central: esse conhecimento especializado muitas vezes não é reconhecido socialmente, reduzindo a atuação docente ao papel assistencialista. Essa falta de valorização do caráter educativo da função, atrelada às exigências excessivas, atua como fator de desgaste e esgotamento para os profissionais da Educação Infantil.

O tempo e à docência em diálogo: trajetórias, desafios e a consolidação do fazer pedagógico

A experiência acumulada ao longo dos anos de atuação na educação infantil, constitui uma importante fonte de saberes para a prática docente. Ao vivenciar diferentes contextos escolares, enfrentar desafios cotidianos e acompanhar as mudanças educacionais, o professor desenvolve conhecimentos que ultrapassam a formação inicial. Nesse contexto, conhecer mais uma trajetória, agora da professora Ivone, possibilita compreender como sua ampla experiência profissional contribuiu para a construção de sua identidade docente, bem como para sua percepção sobre os desafios e as possibilidades que caracterizam a educação infantil.

A carreira profissional da professora Ivone que atualmente atua no Maternal II no CMEI Frutos da Terra, foi marcada por mais de dez anos de atuação na educação infantil. Desde o início de sua carreira, demonstrou interesse em trabalhar com crianças, motivada pelo desejo de contribuir para o desenvolvimento e a aprendizagem na primeira infância. Entretanto, sua inserção na profissão foi permeada por inúmeras dificuldades. Segundo seu relato, os primeiros

anos da docência foram marcados por inseguranças, receios e desafios relacionados à condução da prática pedagógica, à adaptação à rotina escolar e à responsabilidade de atender às diferentes necessidades das crianças. Apesar das dificuldades enfrentadas, afirmou que nunca cogitou abandonar a profissão, pois compreendeu que cada desafio representava uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional.

Ao longo dos anos, a experiência permitiu à professora Ivone compreender que o trabalho desenvolvido na educação infantil ultrapassa as ações de cuidado, constituindo-se como uma prática pedagógica intencional, fundamentada no planejamento, na observação e na mediação das aprendizagens sobre a infância. Essa concepção encontra respaldo nas contribuições de Pasqualini (2010), ao afirmar que o professor da educação infantil exerce papel fundamental como mediador do desenvolvimento humano, organizando situações de ensino que possibilitam a apropriação da cultura pelas crianças desde os primeiros anos de vida.

Ao refletir sobre sua prática profissional, a professora Ivone destacou que um dos maiores desafios enfrentados pelos docentes da educação infantil é a desvalorização social da profissão. Segundo ela, ainda é comum que parte da sociedade atribua ao professor a função exclusiva de cuidar das crianças, desconsiderando o trabalho pedagógico desenvolvido diariamente. Essa percepção reforça uma concepção assistencialista da educação infantil, historicamente construída, que reduz a complexidade da atuação docente e compromete o reconhecimento profissional. Conforme também vimos no relato anterior e é destacado por Lima (2009), essa concepção contribui para a inferiorização do trabalho realizado nessa etapa da educação, fortalecendo processos de desvalorização e sobrecarga dos profissionais.

Outro aspecto evidenciado durante a entrevista, refere-se aos desafios vivenciados no cotidiano escolar. A professora Ivone ressaltou que o aumento do número de alunos por turma, a diversidade das necessidades educacionais das crianças e a necessidade de fortalecer a parceria entre escola e família tornam o trabalho docente cada vez mais complexo. Isso reforça o que Arce (2013, p. 6) afirma:

> se desejamos um processo educativo que leve ao desenvolvimento integral de nossas crianças na Educação Infantil, a escola não pode deixar os pais de fora. Isto significa integrá-los no trabalho, mas para isso faz-se necessário permitir aos pais o acesso ao conhecimento das possibilidades de desenvolvimento da criança e de como eles podem ajudar isso a acontecer. Ao fazer isso, professores, diretores, coordenadores estão a apresentar aos pais a importância que a Educação Infantil tem para os seus filhos. Assim desfaz-se a ideia das escolas de Educação Infantil como sendo ambientes a substituírem o trabalho realizado pelas babás, ambiente apenas de cuidados corporais.

Além disso, destacou que muitas responsabilidades que deveriam ser compartilhadas com as famílias acabam sendo atribuídas exclusivamente à escola, ampliando as demandas direcionadas aos professores.

Quanto à organização do trabalho pedagógico, a entrevistada afirmou que busca preparar-se diariamente por meio da elaboração e revisão dos planejamentos, da organização dos materiais didáticos e da constante participação em cursos de formação continuada. Em sua compreensão, o professor precisa manter-se em permanente processo de aprendizagem para atender às transformações da prática educativa. Essa concepção aproxima-se das reflexões de Arce (2013), ao enfatizar que o papel do professor requer uma formação efetiva e contínua para que o trabalho na Educação Infantil atinja o sucesso pretendido.

Entendemos que os aspectos da organização escolar[3] em uma instituição de Educação Infantil desempenha um papel determinante no desenvolvimento integral das crianças, pois constitui a base sobre a qual se estruturam o ambiente, as interações e a prática pedagógica. De acordo com a delimitação de nosso objeto de estudo, elencaremos a integração indissociável entre cuidar e educar, ou seja, é preciso superar o assistencialismo histórico, entretanto, de acordo com Nereide Saviani (2012), o que distingue a educação infantil do ensino fundamental não está na contradição do espontânea versus sistematizado (brincar, jogar versus estudar), mas nos patamares e dimensões da mediação. De acordo com a autora

> Se, de fato, se quer atribuir à educação infantil, desde a creche, o caráter de EDUCAÇÃO, desvencilhando-a da dimensão meramente assistencial, é preciso superar também as contradições que, ao fim e ao cabo, se resumem na resistência a considerá-la educação escolar. Resistência que, aliás, tem origem na incompreensão (ou subestimação) dos processos de apropriação sistematizada dos múltiplos elementos culturais, cujo desenvolvimento requer o papel mediador da escola. Ou em uma visão estereotipada de escola, amorfa e sem vida, formada a partir de exemplos negativos que, lamentavelmente, têm se multiplicado nos últimos tempos. (2012, p. 71, destaques no original)

Outro aspecto da organização escolar é a intencionalidade pedagógica pois essa intencionalidade pode garantir que momentos como alimentação, higienização, repouso e banho não sejam vistos como meras tarefas mecânicas ou assistencialistas, mas sim como situações repletas de aprendizagem. Concordamos com Arce ao afirmar que o ensino pode

[3] Os aspectos da organização escolar podem ser explorados em diferentes dimensões, desde a microestrutura do cotidiano em sala de aula até a macroestrutura das políticas públicas e da gestão institucional. Em função da delimitação do número de páginas deste trabalho, focaremos na microestrutura.

permear todo trabalho educativo a ser realizado na educação infantil. De acordo com a autora (2013, p. 10)

> Precisamos deixar para trás a ideia de que quando falamos em ensino este se reduz a aula expositiva, o ensino é a produção intencional da necessidade de conhecer, explorar, descobrir e, para isso a transmissão, reprodução, imitação são essenciais. O ensino na Educação Infantil é o momento em que o professor leva a criança a formar conceitos, a confrontar conhecimentos. [...] Ao manipular o corpo da criança, ao pensar junto com ela procurando introduzir um novo conhecimento. Ao explorar com ela o mundo em que vivemos o professor está interagindo e, por meio deste ensinando deliberadamente, intencionalmente.

A organização escolar também permite estruturar o ensino de modo a favorecer o desenvolvimento das funções psíquicas superiores e a apropriação do patrimônio cultural pelas crianças desde os primeiros anos de vida. Para Nereide Saviani (2012, p. 73)

> A criança, desde a mais tenra idade, apresenta-se disposta a explorar o seu meio e, disponível a tudo o que a coloque como parte dele, responde prontamente a todos os estímulos. Assim, as atividades que lhe mostram diferentes sons, imagens, movimentos, odores, impressões táteis, as palavras que lhe são ditas, o sorriso, o afeto, a higiene, a alimentação - tudo isso, conjugado - constituem um amplo e profundo processo, o de apresentar à criança o mundo humano, ajudá-la a nele agir/interagir e, assim, torná-la humana. Tal processo, tornando-se cada vez mais complexo, permite a apropriação, progressiva, dos múltiplos elementos culturais, contando, para isso, com a disposição e a disponibilidade da própria criança.

O tempo e espaço na instituição de educação infantil também é categoria da organização escolar. A estruturação da rotina, o uso dos espaços físicos (salas de aula, pátio, laboratórios) e a organização do tempo didático para favorecer a aprendizagem. Nessa mesma perspectiva, Liublinskaia (1973), citada por Chaves (2015) destaca que, tanto o ambiente quanto as vivências que a criança tem exerce uma influência especial na vida da criança. Não só as pessoas que as rodeiam, mas também os objetos que a criança utiliza, os brinquedos com que se entretém, as conversas dos que a rodeiam, as transmissões de televisão que escuta e vê, assim como outros fatores que não parecem importantes, suscitam por parte da criança uma ou outra reação. Chaves (2025, p. 58), afirma que “toda a decoração da instituição, como a entrada, os corredores, bem como a “beleza” e “limpeza” do ambiente podem estimular na criança sentimentos positivos, o que para a autora se configura como valor do ponto de vista educativo.

O planejamento de ensino articula saberes, atividades e mediações intencionais. não se colocando aquém ou além de suas possibilidades, capacidades, físicas, intelectuais e

emocionais das crianças. De acordo com Arce (2013, p. 8)

> Deve haver um equilíbrio entre as atividades estruturadas propostas pelo professor e as atividades em que a criança é encorajada a tomar a iniciativa. Ao adulto, ao professor cabe propiciar estas oportunidades de aprendizagem por meio de planejamento constante e avaliações do desenvolvimento das crianças. [...] as atividades abertas em que a criança toma iniciativa, por vezes propiciadas por meio das brincadeiras, devem ser também planejadas e pensadas pelo professor. Pois, as mesmas devem desafiar a criança, permitindo ao mesmo tempo, que ela se expresse, explore e descubra. O professor de Educação Infantil precisa estar 100% com suas crianças, envolvido com elas em todos os momentos.

Outro aspecto mencionado pela entrevistada e que faz parte da organização escolar são as condições de trabalho e desafios cotidianos, tais como impacto da rotina, da infraestrutura e das exigências físicas e administrativas na saúde e na identidade dos trabalhadores da educação, entretanto, ela afirmou que, mesmo diante das dificuldades enfrentadas ao longo da carreira, permaneceria atuando na educação infantil caso pudesse escolher novamente sua profissão. Segundo seu relato, acompanhar o desenvolvimento das crianças, observar suas conquistas e participar da construção de suas primeiras aprendizagens representam experiências que conferem sentido ao exercício da docência.

Ao ser questionada sobre as competências necessárias para atuar na educação infantil, a professora Ivone destacou que, além da formação inicial, é indispensável que o professor possua sensibilidade, paciência, responsabilidade, criatividade e disposição para aprender continuamente. Ressaltou, ainda, que o conhecimento sobre o desenvolvimento infantil, as interações, as brincadeiras e os processos de aprendizagem constituem requisitos essenciais para o exercício qualificado da profissão. Tais reflexões dialogam com a perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, apresentada por Vigotski, Leontiev e Elkonin, ao defenderem que o desenvolvimento infantil ocorre por meio das interações sociais e da mediação pedagógica realizada pelo professor, bem como encontram eco na Pedagogia Histórico-Crítica, destacada por Saviani quando afirma:

> [...] para existir a escola não basta a existência do saber sistematizado. É necessário viabilizar as condições de sua transmissão-assimilação. Isso implica dosá-lo e sequenciá-lo de modo que a criança passe gradativamente do seu não-domínio ao seu domínio. Ora, o saber dosado e sequenciado para efeitos de sua transmissão--assimilação no espaço escolar, ao longo de um tempo determinado, é o que nós convencionamos chamar de “saber escolar”. (Saviani, 2003, p. 18).

Dessa forma, a preocupação da Pedagogia Histórico-Crítica está em garantir o desenvolvimento dos indivíduos de forma integral, o que se traduz na necessária apropriação de conhecimentos universais, historicamente sistematizados, referendados e acumulados pela humanidade.

Considerações finais

A pesquisa revela que, a materialidade da realidade empírica revelada de forma contundente e multifacetada nas análises das entrevistas das professoras Elisa e Ivone, expõe o explicita o distanciamento entre as exigências científicas da profissão e sua efetiva concretização no “chão” da escola. As trajetórias e as vozes dessas duas educadoras revelam que a construção da identidade docente ocorre de maneira permanente, sendo fruto da articulação dialética entre a formação teórica, a experiência prática e a reflexão crítica sobre a própria ação. Contudo, esse percurso é atravessado por intensos desafios, sentimento de insegurança e pela constância de barreiras estruturais e ideológicas. Conforme referendado pelas pesquisas de Lima (2009), a persistência de uma visão assistencialista e custodial herdeira de uma lógica filantrópica insiste em reduzir a professora ao papel de "babá" ou de substituta materna. Essa deturpação atua como um potente mecanismo ideológico que gera um esvaziamento do reconhecimento profissional, traduzindo-se em desvalorização salarial, sobrecarga de demandas institucionais e na invasão do tempo pessoal das trabalhadoras.

O resultado desse descompasso entre a alta responsabilidade do trabalho intelectual e a desvalorização de suas condições objetivas impõe um peso excessivo sobre o corpo docente. Esse desgaste subjetivo assume contornos alarmantes na pesquisa, manifestando-se tanto na fragilidade e na sobrecarga emocional que levam ao desejo de descontinuidade na carreira, como evidenciado no relato de Elisa, quanto na inevitável necessidade de resistência profissional por meio do apego ao rigor técnico e ao sentido da docência, conforme expressado na perseverança de Ivone. Fica evidente que, embora o compromisso ético e o afeto pelas crianças funcionem como forças motrizes importantes para a permanência na área, eles são insuficientes se desvinculados do reconhecimento estrutural da profissão.

Conclui-se, portanto, que a formação de professores para a Educação Infantil deve ultrapassar os limites da mera instrumentalização técnica ou o apelo a atributos afetivos naturalizados. Como preconiza Pasqualini (2010), é preciso resgatar o estatuto do "ensinar a pensar" e do cultivo intencional do psiquismo infantil por meio do ensino. Para que o professor possa se defender e se reconhecer legitimamente como um trabalhador intelectual, faz-se

indispensável o domínio de uma base teórica sólida, histórica e política. Sobretudo, a real valorização da Educação Infantil e a superação definitiva do viés custodial dependem do fortalecimento urgente de políticas públicas integradas. É fundamental que o Estado e a sociedade civil proporcionem o devido valor social, salários justos, formação qualificada e as estruturas materiais adequadas, assegurando o respeito, a dignidade e o bem-estar daquelas que executam uma das tarefas pedagógicas mais humanas e cruciais da educação básica.

Termos de uso de Inteligência Artificial Generativa

Neste trabalho não foram utilizadas ferramentas de Inteligência Artificial Generativa.

Referências

ARCE, Alessandra. É possível falar em Pedagogia Histórico Crítica para pensarmos a Educação Infantil? **Germinal**: marxismo e educação em debate. v. 5, n. 2, p. 5–12, 2013. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/9695. Acesso em: 13 jul. 2026

LIMA, Laís Leni Oliveira. As muitas faces do trabalho que se realiza na educação infantil. In: MASCARENHAS, Angela Cristina Belém; ZANOLLA, Silvia Rosa Silva (org.). **Educação, cultura e infância.** Goiânia: Alínea, 2009. p. 62-68.

PASQUALINI, Juliana Campregher. O papel do professor e do ensino na educação infantil: a perspectiva de Vigotski, Leontiev e Elkonin. In: MARTINS, Lígia Márcia; DUARTE, Newton (org.). **Formação de professores**: limites contemporâneos e alternativas necessárias. São Paulo: Editora UNESP; Cultura Acadêmica, 2010. p. 162-191.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 8. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2003.